

GEOGRAFIAS MODERNA E PÓS-MODERNA

HELIO DE ARAUJO EVANGELISTA
Universidade Federal Fuminense

Introdução

Hoje, podemos considerar que há uma crise da razão¹ e, subjacente à mesma, há uma busca por novos caminhos. Afortunadamente, vivemos uma época em que as certezas caíram, e a perplexidade toma vulto, deste modo a fertilidade da procura por novas respostas é acentuada. E este processo parece ocorrer na Geografia.

Mas, qual seria a perspectiva para a Geografia dentro de um quadro tão “confuso” e rico, pelo qual passa a ciência? Não é uma resposta muito fácil de ser dada, pois, afinal, vários são os enfoques conceituais sobre a Geografia, havendo intelectuais que duvidam da cientificidade da mesma, como o faz, por exemplo, Jean Piaget². Geografia não é uma disciplina paradigmática, como é a Física³, e portanto, fica ao sabor de interpretações e julgamentos, que em última análise, estão norteadas pela visão de mundo daquele que analisa e critica a sua história.

A análise da Geografia é aqui realizada em duas partes: na primeira, são analisados os conceitos de modernidade e pós-modernidade - a análise destes dois termos nos auxilia a qualificar o nosso olhar sobre o curso da Geografia; em seguida, é realizada uma análise das Geografias Moderna e Pós-Moderna.

¹ Caberia aqui lembrar o Seminário - *A Crise da Razão* - promovido pela FUNARTE na Academia Brasileira de Letras, no segundo semestre de 1995. As diferentes palestras, ao todo trinta e cinco, contribuíram no alargamento da idéia do que ocorre hoje, precipuamente no campo da filosofia, frente às mudanças do mundo contemporâneo.

² In *Épistémologie des sciences de l'homme* apud Raffestin, 1993:12.

³ Pois segue todas as etapas do método recomendado como científico: observação, experimentação, verificação, formulação de leis e enunciação de teorias (GOMES, 1996: 37).

Modernidade e Pós-Modernidade

A Modernidade

O tema da modernidade é por demais controverso e complexo para ser tratado de forma acabada neste espaço do trabalho; deste modo, procuramos, a partir de geógrafos que trataram do assunto, traçar linhas gerais e fundamentais que ajudem a defini-la.

David Harvey em *A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* chama a atenção para o aspecto estético do modernismo⁵, sendo marcado por um movimento dual entre o transitório e o eterno; a característica deste processo é o da ausência da preservação dos laços com o passado...“A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes”. (1993:21-22)

O que importa é destacar, na contribuição de David Harvey, a não existência de um modernismo, ou uma modernidade; quando ele historia o processo, ele demarca claramente as diferentes fases históricas, assim como a modernidade adquire diferentes conotações conforme os lugares “...O modernismo parece bem diferente a depender de onde e quando nos localizamos.” (HARVEY, 1993:33)

Embora relutante, David Harvey realiza uma periodização deste movimento, destacando diferentes fases.⁶

A primeira fase corresponde à expansão do movimento iluminista, no século XVIII, até 1848; neste período houve a perspectiva de que era possível conferir à razão um caráter universal, sendo possível alcançarmos uma única resposta a qualquer pergunta. (HARVEY, 1993:35)

A seguir, com os eventos históricos ocorridos na França capitaneados por Napoleão Bonaparte, culminados com o revolução social de 1848, o projeto ilumi-

⁵ Vide HARVEY, 1993 (3a. ed.) Harvey, na análise do modernismo, vai destacar o aspecto estético deste movimento, ao contrário de Gomes (1996) que enfatiza os dois pólos epistemológicos, o que indica que Harvey destaca o aspecto estético visando compreender o processo cultural inserido no modernismo, e mais destacadamente no pós-modernismo.

⁶ Embora Edward Soja não chegue em seu livro *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, a realizar um histórico do modernismo, ele observa que a modernização pode ser relacionada aos processos de mudança estrutural que o capitalismo procurou empreender para sobreviver, assim “...a associação definitiva entre a modernização e a sobrevivência do capitalismo é crucial...” cabe assim, evitar a visão de que as coisas acontecem como numa marcha cadenciada perpassada por uma lógica endógena do modernismo. (1993:36-37) Gomes, por sua vez, em *Geografia e Modernidade*, embora não tenha realizado uma periodização do modernismo, semelhante à de David Harvey, destaca as bases sociais e ideológicas do modernismo (1996:57-59)

nista começou a ruir, não havendo, assim, uma única forma de pensar e conceber a realidade “... A fixidez categórica do pensamento iluminista foi crescentemente contestada e terminou por ser substituída por uma ênfase em sistemas divergentes de representação.” (1993:36) Este processo adquiriu maturidade ao final do século XIX quando as experiências na literatura, artes plásticas, concepções políticas, etc. prepararam o caminho para uma nova fase do modernismo, no século seguinte.

Concorreu para a desilusão com o projeto do iluminismo a difusão do ideário socialista. A análise da sociedade a partir de suas disparidades sociais evitou a noção de que todos eram iguais, com iguais condições de expressão e luta pelos seus interesses. (1993:37)

Se na época pré-Primeira Guerra Mundial denotava-se uma verdadeira alienação em relação aos fatos políticos, ou seja, a expressão cultural não tinha no campo político um engajamento pautado por compromissos, no período seguinte, o do interstício das duas grandes guerras, o quadro mudou “...os artistas foram cada vez mais forçados pelos acontecimentos a explicitar seus compromissos políticos.” Nesta terceira fase verificaremos que o “... o modernismo assumiu um perspectívismo e um relativismo múltiplos como sua epistemologia, para revelar o que ainda considerava a verdadeira natureza de uma realidade subjacente unificada, mas complexa.” (1993:37-38)

Esta fase histórica foi caracterizada por uma profunda cisão dos ideários que até então conduziram o projeto modernista (o da razão universal, código de valores universais, etc.). Deste modo, há uma profusão de correntes que chegaram a obscurecer o significado da razão neste processo. “A queda das crenças iluministas unificadas e a emergência do perspectívismo deixavam aberta a possibilidade de dar à ação social a contribuição de alguma visão estética, de modo que as lutas entre as diferentes correntes do modernismo passaram a ter um interesse mais do que passageiro” . (1993:38)

Nesta profusão de imagens, valores, ideários, numa verdadeira convulsão de padrões culturais, inclusive comportamentais, o aspecto mítico do modernismo adquiriu relevo, a premência de dar um término neste “caos” da época⁷ tornou a questão mítica orientadora de um novo caminho pelo qual “resolvesse” os impasses da época⁸. Neste sentido, algumas correntes iriam tomar certos aspectos da sociedade como denotadoras de uma racionalidade redentora. (1993:38)

⁷ David Harvey chega a designar o modernismo desta fase como “heróico”, heróico pois sobreviveria embora acossado pelo espectro da destruição . (1993:38-39 e 42)

⁸ Gomes (1996) destaca, para a compreensão da modernidade, a análise do mito: “Em sua origem, a palavra mito significa palavra, discurso sendo considerado por alguns como um discurso narrativa que encadeia símbolos e exerce uma função comunicativo-comunitária, religando a realidade e o imaginário de um grupo social através de uma lógica semântica... a modernidade se renovaria, como um mito, a cada vez que o combate entre o novo e o tradicional se constitui em um discurso sobre a realidade. Este discurso reatualiza esse combate, demonstra as rupturas, a superioridade do novo e impõe uma nova totalidade, tomada como definitiva e final” . (1996: 49-50)

Por último, temos a etapa do pós-Segunda Guerra Mundial; nesta, o modernismo “heróico” deu lugar ao modernismo “universal” que usufruía de uma hegemonia e apresentava uma relação mais favorável com os centros de poder emergentes do pós-guerra. O *establishment*, o *status quo*, foi o êmulo da produção cultural da época; na arquitetura, por exemplo, as idéias de seus próceres produziam imagens de poder e de prestígio . (1993:42)

....A despolitização do modernismo, que ocorreu com a ascensão do expressionismo abstrato, pressagiou ironicamente sua assimilação pelo establishment político e cultural como arma ideológica na Guerra Fria. A arte era suficientemente plena de alienação e ansiedade, e bastante expressiva da fragmentação violenta e da destruição criativa (temas que por certo eram apropriados à era nuclear) para ser usada como um maravilhoso exemplo do compromisso norte-americano com a liberdade de expressão, com o individualismo exacerbado e com a liberdade de criação. (1993:43)

Neste contexto, o modernismo perdeu definitivamente a sua característica de luta contra o reacionarismo e às forças tradicionais, com exceção de alguns campos, como o cinema; a experimentação na cultura passou a ser compreendida por um grupo reduzido e seletivo, tal quadro ensejou o aparecimento de movimentos anti-modernistas e contraculturais que desembocariam no pós-modernismo. (1993:44)

Em sua obra *Geografia e Modernidade*, Paulo César da Costa Gomes, por sua vez, entende ser a modernidade construída ...“sob a forma de um duplo caráter: de um lado, o território da razão, das instituições do saber metódico e normativo; do outro, diversas ‘contracorrentes’, contestando o poder da razão, os modelos e métodos da ciência institucionalizada e o espírito universalizante” (1996: 26) .⁹

A modernidade é considerada, como um novo código de valorização que se espalha pelas mais diversas esferas da vida social tomando diferentes formas “...e que possui uma dinâmica espaço-temporal muito complexa para ser objeto de uma precisa localização, ainda que uma época moderna seja facilmente identificada.” E dentro do espectro deste processo de reconfiguração dos valores sociais, a ciência ocupa um destacado papel sendo um discurso fundamental do novo código de valores da modernidade. (1996:28)¹⁰

Gomes aventa a hipótese de que a modernidade retém em sua base um duplo caráter fundamental formado pelo par novo/tradicional. Embora sejam noções antigas (novo/tradicional), elas se tornaram um verdadeiro sistema de valores. Para se falar de tradição, por exemplo, há de se referir a um sistema de valores apoiados

⁹ Pelas contracorrentes, a razão humana não é considerada como a matriz da uniformidade pressuposta pelos racionalistas, a razão humana não é universal, é valorizado o particular . Sobre este item vide pp. 32-34 da obra citada.

¹⁰ Gomes entende que “...a constituição da ciência se confunde a tal ponto com o nascimento da modernidade, que é difícil, quicá impossível, pensar uma sem fazer referência a outra. O pensamento científico moderno é a própria essência da modernidade, sua testemunha mais eloqüente.” (1996:66) .

no novo, assim, ..“são dois sistemas que se opõem mas que estruturam uma mesma ordem”. (Ibidem, p. 29). ¹¹

O sistema da racionalidade, dentro do contexto da ordem forjada pelos dois sistemas de valores novo/tradicional é constituído por uma percepção de progresso, que tende “...a uma aproximação das realidades últimas de um fenômeno, através do controle e domínio da linguagem e da lógica científica”. (Ibidem, p. 30)

Correlata à dimensão da progressão, vem pautada pela confrontação,“a crítica é, desde o final do séc. XVIII, até nossos dias, o veículo e o motor do processo da renovação moderna”. (1996:31).

Quando Gomes (1996) chama atenção para a descrição dos dois pólos epistemológicos que estão a se defrontar no curso do modernismo, a razão e a anti-razão (em termos sintéticos), ele não pretende esgotar o assunto da modernidade, ou seja, ele reconhece que este enfoque tem as suas próprias limitações, porém o que valida esta sua forma de abordar o modernismo é a sua preocupação com a evolução da ciência e como esta evolução tem desdobramento para a Geografia. Deste modo, a análise da oposição entre correntes epistemológicas propicia luz sobre o papel da racionalidade na ciência moderna e como corolário abre um debate sobre a natureza da Geografia que trataremos posteriormente. (1996: pp. 39-47)

A Pós-Modernidade

David Harvey analisa o pós-modernismo enfatizando a perspectiva estética deste movimento. Ele introduz uma série de referências que dizem respeito à arquitetura, cinema, literatura, pintura, etc. de modo a realçar aspectos que no seu entender caracterizam o processo pós-moderno. No entanto, ele reconhece que o movimento não se restringe ao exclusivo campo cultural. No campo do planejamento, por exemplo, é adotada a norma de se procurar “...estratégias ‘pluralistas’ e ‘orgânicas’ para a abordagem do desenvolvimento urbano como uma ‘colagem’ de espaços e misturas altamente diferenciados, em vez de perseguir planos grandiosos baseados no zoneamento funcional de atividades diferentes”. (1993:46) Deste modo, o pós-modernismo vem determinando os padrões do debate e estabelecendo parâmetros para a crítica cultural, política e intelectual. (1996:9)

Para Harvey, o fato mais marcante sobre o pós-modernismo é a sua aceitação “...do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade.” (1996:49) ¹²

¹¹ Cabe a advertência do autor de que este recurso de se pensar a modernidade a partir de dois pólos epistemológicos deve ser visto como um caminho metodológico inspirado na concepção weberiana dos “tipos-ideais”; assim o estudo através dos dois pólos induz a uma leitura da modernidade de modo a destacar importantes aspectos do fenômeno. (1996:40)

¹² Baudelaire em seu artigo “The painter of modern life” (1863) afirmava ser o moderno “...o transitório, o fugidivo, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável “. (in HARVEY, 1993:21).

Na medida que não se tenta legitimar pela referência do passado, o pós-modernismo valoriza o pensamento que destaca o caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ela pela via racional; não sendo possível, assim, por uma metalinguagem, uma metanarrativa ou metateoria¹³ revelar uma conexão entre os fatos, o que significa a inexistência de uma determinada ordem na vida. (1993:49-50)

Não sendo possível ter uma visão unificada do mundo, o pragmatismo é a única filosofia de ação possível. A improcedência de se engajar num projeto global, dada a característica multifacetada da vida, exige que o pragmatismo se torne a forma mais adequada para lidar com os diferentes aspectos da vida, e assim garantir um caráter não repressivo. “...A ação só pode ser concebida e decidida nos limites de algum determinismo local, de alguma comunidade interpretativa, e os seus sentidos tencionados e efeitos antecipados estão fadados a entrar em colapso quando retirados desses domínios isolados, mesmo quando coerentes com eles.” (1993:56).

Um outro aspecto que Harvey destaca no pós-modernismo diz respeito ao seu lado psicológico; enquanto o modernismo dedica-se à busca do futuro, o pós-modernismo concentra-se nas circunstâncias induzidas pela fragmentação e pela instabilidade características da vida, de modo que impede o planejamento do futuro. Esta atitude niilista, configura um quadro que o geógrafo inglês, tendo por referência Jameson (1984), compara à esquizofrenia. “...A redução da experiência a ‘uma série de presentes puros e não relacionados no tempo’ implica também que a ‘experiência do presente se torna poderosa e arrasadoramente vívida e ‘material’: o mundo surge diante do esquizofrênico com uma intensidade aumentada, trazendo a carga misteriosa e opressiva do afeto, borbulhando de energia alucinatória...O caráter imediato dos eventos, o sensacionalismo do espetáculo (político, científico, militar, bem como de diversão) se tornam a matéria de que a consciência é forjada”. (1993:57)¹⁴

A relação do pós-modernismo com a cultura da vida diária também é um aspecto de difícil análise, segundo Harvey. O movimento contemporâneo explora ao máximo os recursos fornecidos pela mídia e diferentes espécies de arenas culturais; no entanto, não trás no seu bojo um processo de vanguarda, ou seja, é um

¹³ Referimo-nos aqui a amplos esquemas interpretativos, como os produzidos por Karl Marx ou Sigmund Freud. (HARVEY, 1993:49-50)

¹⁴ Esta perda da temporalidade tem para os diferentes campos da atividade humana sérios desdobramentos; por exemplo, para a história, esta é levada a ser uma espécie de arqueologia do passado; para a estética, a perda de padrões de autoridade de juízo torna o julgamento afeito a toda sorte de critérios; na arquitetura, o passado é retomado aos pedaços de forma anárquica e sem critérios preestabelecidos, de modo que a perda da temporalidade combinada à busca do impacto instantâneo induz a uma produção cultural superficial, não instigando a uma reflexão sobre o meio que cerca as pessoas. (1996:58-61)

movimento anti-árquico e antivanguardista. (1993:62-64) Vários são os elementos que pautam esta relação difusa e difícil de ser compreendida: a degeneração da autoridade intelectual na década de 60, a chamada democratização do gosto numa diversidade de subculturas, o próprio fenômeno da televisão, influenciando a cultura com elementos aparentemente soltos e desarticulados a ponto de não se destacar qual a característica maior da situação cultural de uma determinada sociedade, etc.

Modernidade e Pós-Modernidade na Geografia

Geografia e Modernidade

Gomes (1996) analisa a Geografia a partir de sua concepção de modernidade, ou seja, ele a visualiza a partir da existência de dois pólos epistemológicos, o da racionalidade e o da contra-racionalidade, que permeiam a modernidade e, portanto, a própria Geografia. (1996:39)

O autor realiza um levantamento histórico da Geografia, subordinando-o a um aspecto:

...o sistema de oposição entre as correntes da geografia...Assim, do ponto de vista histórico, não são apresentadas verdadeiras novidades ou novos dados...De uma certa maneira, fomos buscar na filosofia um parâmetro sintético que, simultaneamente, incorporasse o contexto histórico e nos desse uma base de interpretação direta das proposições epistemológicas na geografia. (1996:40)

Ele visa, assim, destacar as características da Geografia fundada em seus métodos buscando adotar um caráter científico; mas não é um trabalho sobre a cientificidade da Geografia *strictu sensu*, mas sim como esta discussão se inseriu no espectro maior da modernidade; objetiva, sim, traduzir o debate geral da modernidade, entre o racionalismo e suas contracorrentes, em sua especificidade no discurso geográfico. (1996:45)

Gomes assinala a imediata relação entre modernidade na Geografia e seu caráter científico, fundado a partir de duas heranças preservadas pela Renascença, a saber: as influências de Ptolomeu e de Estrabão, sendo o primeiro voltado para uma preocupação matemática da representação da Terra em termos cartográficos, e o segundo com uma preocupação descritiva com base na história (1996:127-131).

No período que antecede à “modernização da Geografia”, esta era muito marcada pelas narrativas de viagens, não possuindo “...um corpo de interpretação individualizado, capaz de lhe dar uma clara identidade...” (1996:149) A necessidade de sistematização das informações e o estabelecimento de uma forma de controle e regulamentação da produção do conhecimento geraram a demanda por um método científico. (1996:150)¹⁵

A partir dos então considerados fundadores da Geografia Moderna - Alexander von Humboldt e Carl Ritter - verifica-se uma dualidade cujo legado vem a ser os dois níveis de análise considerados na análise do nosso planeta, o Cosmológico - a Terra enquanto fenômeno global, e o Regional - na qual são destacadas as suas partes. (1996:172).¹⁶

Ao analisar as obras de Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache, o autor destaca no primeiro o caráter pioneiro em dar uma “perspectiva rigorosa, objetiva e geral à geografia, permitindo-lhe, portanto, ascender ao *ranking* das ciências positivas modernas.”¹⁷ Frémont (apud Gomes) afirma: “O estudo das influências que os meios naturais exercem sobre os grupos humanos e sua repartição na superfície da Terra, coloca a geografia de Ratzel no ponto de junção entre as ciências da natureza e as ciências do homem, dentro de uma perspectiva da ecologia, conferindo ao determinismo dos fatos da natureza um lugar decisivo, bem como mutável e a situa dentro de uma orientação científica resolutamente positivista...”. (1996:186-187)¹⁸

Quanto ao geógrafo francês, Vidal de La Blache, Gomes reconhece uma série de influências na constituição de seu pensamento, próprio de uma época na qual existiam acirradas discussões quanto aos limites da ciência e a melhor forma de realizá-la¹⁹. La Blache dava grande importância ao método como elemento denotador de uma cientificidade na Geografia; havendo uma preocupação em não abrir uma cisão entre o que fosse geral e o particular; nesta concepção: “ O geral deve se ligar aos estudos particulares, da mesma maneira que se deve sempre procurar nos casos particulares indícios de regularidade.” (1996:212). Deste modo, a conexida-

¹⁵ “A geografia, conhecida na época como ‘física do mundo’, colocou sob sua responsabilidade a interpretação da dinâmica da natureza e de suas relações possíveis com a marcha histórica. Da mesma forma que as outras disciplinas, ela estava também exposta à ambivalência da época, como observamos precedentemente. A temática escolhida, a saber, as relações entre homem e natureza, conduziu-a a se transformar também em um dos porta-vozes dos novos tempos e, de certa maneira, a exprimir o sentido desta modernidade paradoxal e contraditória.” (1996:150)

¹⁶ “ Ulteriormente, esses dois níveis tornar-se-ão dois ramos distintos conhecidos pelos nomes de geografia geral ou sistemática e de geografia regional.” (1996:173)

¹⁷ A investida de Ratzel na compreensão da relação homem - meio natural formatou uma perspectiva determinista, de cunho racionalista, pela qual o meio enquadraria as atividades humanas, e teria realizado, se comparado com Humboldt e Ritter, uma obra com maior rigor metodológico. (1996:188)

¹⁸ Segundo Richard Peet, apud Gomes (1996), o discurso ratzeliano recoloca a geografia na modernidade “...o determinismo geográfico de Ratzel, foi, sem dúvida alguma, a primeira versão de uma geografia moderna.” (p. 187).

¹⁹ Sobre Vidal de La Blache, Gomes observa que ele “...sempre manteve um discurso sobre a importância de buscar a generalização, as leis e a explicação, reproduzindo o modelo de ciência objetiva. De outro, tirou proveito de todo um renascimento da tradição metafísica e de seu prolongamento nos movimentos como a Filosofia da Natureza ou o Romantismo.” (1996:221).

²⁰ O possibilismo teria por característica a ênfase nos aspectos atinentes à cultura humana, à capacidade de trabalho do homem, que tornariam a relação da sociedade com o meio natural não passível de ser enquadrada pelas determinações dados pelo meio natural.

de era um elemento caro na sua concepção de objeto geográfico. Por esta perspectiva, Vidal de La Blache apresentou um distanciamento de Friedrich Ratzel, a ponto de vir a representar a corrente possibilista da Geografia.²⁰

Gomes observa que, tanto em Ratzel quanto em La Blache, os ditames do modernismo são encontrados: o aspecto racional-determinista de Ratzel²¹ e o aspecto “subjettivista”²²- possibilista de La Blache estão influenciados, em última análise, nos dois grandes pólos epistemológicos constituidores da modernidade, o da racionalidade e o da contra-racionalidade.

Ao analisar o advento da Geografia Quantitativa, o autor assevera que a linha racionalista adquiriu uma nova forma de expressão. Na fase da Geografia Quantitativa, o determinismo reapareceu com conteúdo novo, destacando instrumentos mais eficientes, segundo linguagem, métodos e técnicas que acessassem a face verdadeiramente científica do determinismo moderno. (1996:265)²³

Ao analisarmos a Geografia Quantitativa, à luz do combate da modernidade, percebemos que ela se reveste do ideário do novo para denunciar as mazelas da produção geográfica de então - muito embora, mais tarde, década de setenta, ela tenha soçobrado diante de novos horizontes críticos. (1996:271-272)

Entretanto, a Nova Geografia deixou marcas indeléveis; a partir dela

...o debate epistemológico passou a ocupar um dos primeiros lugares no leque das questões geográficas...no curso destes últimos anos, o debate se tornou mais claro, divulgando suas filiações filosóficas e aceitando o fato de que esta é uma discussão em torno da legitimidade metodológica. De uma certa maneira, o que mudou foi que a natureza da geografia não pode mais ser caracterizada unicamente pela especificidade de seu objeto, pelo olhar do geógrafo ou por seu papel sintético em relação às outras disciplinas. A identidade geográfica, a partir dos anos sessenta, definiu-se como o reflexo do pertencimento a um pólo epistemológico preciso. (1996:272)

²¹ “As premissas do discurso ratzeliano são discutíveis, mas seu processo de buscar leis, generalizações, sustentadas por hipóteses teóricas, é freqüentemente considerado como a atitude correta para a ciência, em oposição às outras tradições... Esta reinterpretação da história da geografia tem a intenção fundamental de conferir um lugar de honra ao determinismo, visto como o verdadeiro predecessor da conduta científica moderna. Neste sentido, o determinismo é a única tradição verdadeira da ciência geográfica.” (1996:264)

²² A adoção deste termo frisa que a orientação da produção de Vidal de La Blache é distinta da de Ratzel no tocante à forma como os dois concebem a causalidade nos fenômenos estudados pela Geografia. Em Vidal, por força de influências nas quais podem ser denotados aspectos “...espiritualistas, metafísicos, cientificistas, etc. ...” o objeto geográfico é permeado por variáveis entre as quais o meio natural não tem o mesmo papel de projeção que o destacado por Ratzel. (1996:221).

²³ Cabe ressaltar que este é um ponto controverso, pois há quem alegue que a Geografia Quantitativa trataria com o campo da probabilidade, mas, Gomes argumenta, tendo por base David Harvey, que “...a adoção de modelos probabilistas supõe, em princípio e numa certa medida, a aceitação do determinismo como premissa... o determinismo moderno é do tipo relativo, isto é, afirma um fato e ao mesmo tempo anuncia a possibilidade de erro, tudo isso a partir de proporções bem medidas matematicamente.” (1996:265)

A Geografia Crítica, por sua vez, exerceu para com a Nova Geografia o que esta realizou com a Geografia Tradicional. A crítica foi realizada segundo dois grandes agrupamentos de questões, um de cunho teórico-metodológico e outro quanto ao domínio prático e ideológico da Nova Geografia. (1996:274)

Pelo primeiro grupo de questões, a crítica estava centrada na adoção pela Geografia Quantitativa de modelos econômicos de base neoclássica ou neoliberal, pelos quais é previsto um comportamento social racional, pautado pela busca de seus interesses segundo uma via racional e objetiva; havendo como pressuposto, ainda, “uma concorrência perfeita, uma difusão igualitária da informação e um espaço isomórfico.” (1996:274-275)²⁴

Pelo segundo grupo, a crítica à idéia de que era possível alcançar respostas objetivas, neutras e justas, sendo relacionada esta idéia a um compromisso destes geógrafos quantitavista com a classe dominante. “Sem proceder a uma verdadeira crítica dos modelos gerais de interpretação, a objetividade proclamada limitava-se somente ao tratamento de dados, evitando, assim, qualquer questionamento da ordem social.” (1996:277)²⁵

Numa crítica tanto à Geografia Quantitativa, quanto à Geografia Tradicional, a nova corrente na Geografia propugnava por uma ciência, consoante a uma nova sociedade. A Geografia Radical, semelhante à Nova Geografia, no seu tempo, também propunha um conhecimento objetivo, sem liames ideológicos . (1996:279-280)

A influência do marxismo nesta corrente da Geografia foi decisiva, influência esta pautada em dois planos, a saber: a) o papel político do saber, e b) modelos teóricos deterministas concebidos na esfera social, sem referência aos modelos das ciências naturais. (1996:284)

A rigor, pela exposição de Gomes, podemos inferir a existência de duas “escolas” no interior da Geografia Crítica, sem no entanto, romperem com o marxismo. Uma delas seria a escola francesa, que tem em Yves Lacoste o seu principal porta-

²⁴ A corrente da crítica radical, tendo por apoio os estudos advindos da sociologia e principalmente da antropologia sobre o comportamento social passou “a considerar o comportamento social como o resultado de um conjunto de elementos, alguns gerais e determinantes, outros particulares ou contingentes. Os resultados são, portanto, bastante diferentes daqueles que podem ser antecipados por uma análise racional que se baseie tão-somente na idéia de maximização das vantagens.” (1996:275) O mesmo se verifica quanto à concorrência, pois longe de ser marcada por uma característica igualitária, esta é permeada pela ação de grandes grupos econômicos que “desequilibram” a concorrência, de modo a negar a concepção de concorrência propolada por correntes de pensamento econômico de base neoliberal. (1996:275-276)

²⁵ “Para estes críticos, a ciência só pode ser interpretada segundo um ponto de vista político, e a presunção de neutralidade já é em si mesma uma premissa ideológica. A ciência é o produto de uma sociedade desigual, na qual o poder é exercido por grupos minoritários que controlam também a produção do saber, seus objetivos e aplicações.” (1996:277)

voz; e que induz a uma visão ambígua quanto à forma de assimilar o marxismo para a Geografia. Embora utilizando conceitos provindos do marxismo, Yves Lacoste destaca a não atenção de Karl Marx para com o espaço, pois deu muita ênfase à dimensão do tempo; Lacoste, para avaliar a importância do espaço, destaca-o a partir de sua dimensão política, para cuja visão muito concorreram os esforços do filósofo Henri Lefebvre ²⁶. (1996:285-291)

A outra escola, a anglo-saxônica, tem como diferença em relação à primeira uma maior receptividade ao marxismo, sendo enfatizado o aspecto econômico²⁷; a partir de criteriosas análises das obras clássicas de Karl Marx e F. Engels - *O Capital*, *A crítica da economia política* e *A ideologia alemã* – com a intenção de obter a matéria fundamental da pesquisa geográfica, esta escola conduziu a pesquisa, de um lado, por “...uma certa redefinição do vocabulário geográfico à luz do discurso marxista; de outro, induziu uma nova abordagem dos problemas tradicionais da geografia, que devia seguir os cortes e o tratamento apresentados nos textos fundamentais do marxismo”. (1996: 291-292)

Mais recentemente, a partir da constatação das insuficiências analíticas do marxismo, e da necessidade em enfatizar a dimensão espacial no pensamento marxista, a Geografia Crítica vem se afastando do projeto de construir pelo marxismo uma ciência total. O marxismo passa a ser visto como uma inspiração, enfim como um pensamento pelo qual tem uma perspectiva que auxilia na compreensão da realidade. (1996: 303).

O que é interessante notar neste novo período da Geografia Crítica vem a ser a sua proximidade com o humanismo; entre as duas linhas de pensamento há um imediato ponto de proximidade dado à crítica à ciência positivista. A partir deste aspecto, e pela respectiva evolução Gomes observa que o “...materialismo histórico redescobriu a reflexividade de toda ação social e, por conseguinte, a importância de uma análise que leve em conta o valor e o antropocentrismo da vida social. Ao mesmo tempo, o humanismo se desembaraçou do idealismo e do subjetivismo, que caracterizaram as primeiras análises, e recolocou a importância da existência material no centro das interpretações.” (1996:301-302)

Gomes destaca na corrente humanista as seguintes características: 1) visão antropocêntrica do poder... (1996:310); 2) uma percepção holística, pela qual é

²⁶ Henri Lefebvre parte do pressuposto de que a compreensão da sobrevivência do capitalismo nos dias atuais estaria na sua forma de produzir o espaço, a produção do espaço ensejaria a reprodução das relações de produção. Tais concepções estão assinaladas na obra *Espace et politique*, mas principalmente em *De L'État*, no qual ele destaca o Estado neste processo de sustentação da economia capitalista, e especificamente como o mesmo utilizou o espaço neste intento.

²⁷ Gomes aventa a possibilidade desta maior significação do político para a escola francesa vincular-se às influências do movimento de maio de 68.

refutado o procedimento analítico... (1996:311); 3) o homem é produtor de cultura “...cultura no sentido de atribuição de valores às coisas que nos cercam”. (1996: 311); 4) diz respeito ao método, fundado na arte de interpretação, pela qual são considerados os contextos próprios e específicos a cada fenômeno. “ O geógrafo deve se colocar na perspectiva de um observador privilegiado, capaz de interpretar ...A tarefa do geógrafo é, portanto, interpretar todo o jogo complexo de analogias, de valores, de representações e de identidades que figuram neste espaço.” (1996:312); 5) relação entre ciência e arte, o geógrafo para realmente interpretar a cultura deve “...ser capaz de reunir o maior número de elementos possíveis que tratam dos valores, das significações construídas por um grupo social”.(1996:314)

Por estas características, fica destacada a marca desta corrente em combater o racionalismo. Os geógrafos humanistas combatem a idéia de caracterizar a modernidade como a marcha triunfal da razão; pelo contrário, o advento dos tempos novos é “...encarado como o término de um processo gradual de educação e de progresso contínuo, no qual a ruptura é marcada pelo triunfo das idéias humanistas sobre o racionalismo.” (1996:313)

Ao analisar mais detidamente a fenomenologia, base fundamental da Geografia Humanista, Gomes destaca que esta foi fundada num projeto que refutava tanto o racionalismo científico, quanto o intuicionismo na ciência, visando assim ser uma solução intermediária entre “...a ciência formalista e abstrata e o exagero do relativismo, sobretudo nas ciências sociais, denominadas ironicamente como psicologismo, sociologismo e historicismo.” (p. 330)

De qualquer modo, a fenomenologia está inserida no movimento de ruptura recorrente da modernidade, mas que já apresenta sinais de declínio e, em seu lugar,

...os argumentos críticos fundamentais desta corrente já começam a se organizar em um outro campo de batalha. Trata-se do pós-modernismo, que renova toda esta tradição crítica, característica de todas as outras contracorrentes precedentes. A geografia pós-moderna apresenta-se como a legítima herdeira desta tradição e, em seu nome, traz os novos termos da condenação da ciência racionalista, anunciando, ao mesmo tempo, que desta vez a ruptura é definitiva. (1996:336)

Geografia e Pós-Modernidade

Edward Soja in *Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica* indica que o aparecimento das primeiras vozes da Geografia Pós-Moderna ocorreu no final da década de sessenta, porém “...mal se fizeram ouvir no alarido temporal vigente.”(1993:20) A reafirmação da primazia da História sobre a Geografia destacava uma característica historicista no interior do pensamento social crítico, e veio obscurecer e periferizar “...a imaginação geográfica ou espacial.” (1993:23)

Pela leitura da obra de Edward Soja fica clara a idéia de que a sua preocupação é com o pensamento social crítico, de base marxista, e como este deve absorver a temática espacial em seu conteúdo, não sendo demonstrada a evolução de uma Geografia Pós-Moderna como uma nova escola, tal como foi visto nas Geografias Quantitativa, Radical e Humanista. Ele chama a atenção para as transformações que o objeto da Geografia, o espaço, vem passando e a necessidade de recorrer a diferentes aportes teóricos, inclusive de não geógrafos como Michel Foucault.

Iniciaremos a seguir a análise da relação entre a Geografia e a pós-modernidade a partir de observações sobre a dinâmica social que, por sua vez, enseja o aparecimento de uma Geografia Pós-Moderna.

Bertha K. Becker em *A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável* observa que a partir da Segunda Guerra Mundial a ciência e a tecnologia passaram a constituir o fundamento do poder valorizando o espaço a partir de suas diferenças. Este processo, representado pelas redes transnacionais de circulação e comunicação, permite tanto a globalização quanto a diferenciação espacial, induzidas tanto pela lógica da acumulação como pela lógica cultural. (1995:287)

Pela lógica de acumulação, há a internacionalização da economia com um mercado unificado, e um espaço de fluxos financeiros, mercantis e informacionais que supera os Estados e respectivas fronteiras, delineando uma nova divisão territorial de trabalho e uma nova geopolítica, pois a globalização, não sendo homogênea, permite um resgate da dimensão política do espaço pela valorização da diferença. Se, por um lado, a aceleração do ritmo dos processos econômicos e da vida social, encolhe o espaço, derrubando barreiras espaciais, por outro lado, é alta a seletividade. (1995:287-288)

A lógica cultural, por sua vez, é marcada pela atuação de movimentos sociais diversos convergindo para a diferenciação de áreas e valorização de determinados territórios. Logo, frente à reorganização espacial empreendida pelas corporações empresariais, há o surgimento de diversos projetos alternativos vindos da sociedade; estes projetos, no entanto, não têm por marca o de serem próprios de movimentos que não se organizam em escala global, eles se organizam, mas têm na escala local, no território, o seu de ponto de referência na luta empreendida. (1995:289)

Haesbaert em *Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão* chama atenção para vastas áreas do globo terrestre que apresentam sérias seqüelas deste processo modernizador sob a forma de "...uma massa de despossuídos sem as menores condições de acesso a essas redes e sem a menor autonomia para definir seus 'circuitos de vida'". (1995:166)

Assim, estes aglomerados de excluídos não ficam à parte, a sua desordem se deve, principalmente, ao fato de que neles se "...cruzam uma multiplicidade de redes e territórios que não permitem definições ou identidades claras. É como se o 'vazio de sentido' contemporâneo reproduzido no sentido sociológico pela polêmi-

ca noção de ‘massa’ tivesse sua contrapartida geográfica na noção de aglomerados humanos de exclusão.” (1995:186)

David Harvey observa que, a partir da década de setenta, vem sendo acentuada a compressão do tempo-espaço tendo em vista a transição do fordismo em favor da acumulação flexível. (1993:257)²⁸ O grau de competitividade entre os agentes econômicos vem imprimindo em suas iniciativas um forte apelo às particularidades espaciais, pois a diminuição das barreiras espaciais possibilita um poder de exploração muito acentuado de modo que a maximização das vantagens proporcionadas por este poder pode propiciar a vitória em dadas concorrências, e este poder torna-se imperativo na luta de classes; a capacidade de desmobilização de investimentos e reinvestimentos em outras áreas implica numa mudança da área de luta que não mais ocorre nas fábricas de produção em massa . (1993:265)

Harvey, além de destacar o controle do trabalho como sendo central na organização espacial, destaca novas formas de organização que adquirem relevo com a acumulação mais flexível. Pela mesma, e a subjacente busca de informações precisas e com facilidade de transmiti-las, destaca-se o papel das cidades mundiais; estas, a partir de uma infra-estrutura sofisticada, tais como: teleporto, aeroporto internacional, diversos tipos de serviços financeiros, etc. correspondem a esta nova face extremamente seletiva do sistema econômico que a partir de alguns pontos cidades localizadas no globo arremata uma série de informações fundamentais para melhor operar os seus investimentos. (1993:266)

Harvey (1993) assinala ao final do item “A compressão do tempo-espaço e a condição pós-moderna” que a compressão do espaço-tempo ensejaria uma mudança nos nossos mapas mentais, nossas atitudes e instituições; porém, esta transformação não ocorre na mesma velocidade das transformações empreendidas no espaço pelo vetor técnico-científico de modo que há uma defasagem que pode trazer sérias conseqüências ao nível de decisões dos mais diversos tipos (ordem financeira, militar, etc.). (1993:275 -276)

A partir das observações acima apresentadas podemos inferir que o espaço passou a ter novas formas de gestão, atuando em diferentes escalas, nas quais o poder não provém do Estado. Os espaços militarizados, muito próprios da Guerra Fria, dão lugar a configurações territoriais onde o que vale vem a ser a competitividade, possibilidade de recursos, iniciativas, etc. É a época não mais das lutas entre Estados-nações, mas entre os lugares. Assim, se no nível global há um processo de coesão, fusão de empresas, formação de blocos econômicos que induzem a idéia de uma unificação global, a nível local, no entanto, ocorre um processo de fragmentação decorrente de disputas, já que cada lugar deixa de contar com esferas intermediárias de poder para fazer valer os seus interesses e passa a contar com suas próprias condições para alavancar o seu crescimento.

²⁸ A compressão do espaço, como nos adverte Leila Christina Dias in *Redes: emergências e organização*, não pode ser compreendida como uma redução de espaço, mas sim de distância. (1995:157).

Logo, este novo padrão espacial, a polarização a nível global (no topo) e a pulverização a nível local, correlato ao novo padrão de acumulação flexível, trás uma decisiva dificuldade para a Geografia ao analisar a organização espacial. Neste sentido, a questão das escalas é um elemento medular para constituir um discurso que ajude na revelação dos fatos. No dizer de Castro (1995) em *O problema da escala*, "...a escala introduz o problema da polimorfia do espaço, sendo o jogo de escalas um jogo de relações entre fenômenos de amplitude e natureza diversas". (1995:138)

Haesbaert, ao tentar definir espacialmente os aglomerados, por exemplo, entende que ..."Num mundo tão complexo, de imbricações e superposições, onde às vezes tudo parece estar em todas as escalas, definir espacialmente os aglomerados é sempre difícil, imbricados que estão na avalanche que joga em nosso cotidiano todas as escalas e quase todos os sentidos possíveis." (1995:186).

Ao avaliarmos a relação das correntes da Geografia com a pós-modernidade, não sabemos em que medida as Geografias Crítica e Humanista correspondem à pós-modernidade, mas levando em conta a observação de David Harvey, logo no prefácio de *A condição pós-moderna*, "...a de que a hegemonia cultural do pós-modernismo está perdendo força no Ocidente...", não sabemos ainda se é importante à Geografia estar aberta a esta pós-modernidade que está passando; mas o fato decisivo na discussão sobre a pós-modernidade é de que há um novo substrato material, expresso pela transformação do modelo fordista em favor da acumulação flexível que transtorna os patamares de análise da organização espacial até então adotados.

Mesmo que a "condição pós-moderna passe", a questão é que o mundo entrou num processo acelerado de transformações de forma visível e preocupante.²⁹

Conclusão

Qual o futuro desta Geografia *pós pós-modernidade*? Embora se possa reconhecer que a organização espacial, com as recentes transformações, está a exigir novas formas de análise, não se verifica o surgimento de uma nova corrente na Geografia.

Numa visão simplificada, tanto a Geografia Humanista quanto a Geografia Crítica, tendo em vista o novo, estão assentadas no discurso contrário à Geografia Quantitativa, ou seja, as três correntes formam uma espécie de tríade que não chegou a assumir totalmente o avanço cultural da pós-modernidade. Porque?

²⁹ Quem ainda guarda na retina as grandes manchetes nos últimos dez anos abordando temas como: guerra nas estrelas, perestroika e glasnost, fugas de migrantes do leste europeu, queda do muro de Berlim, guerra do Golfo, reação militar na União Soviética, dissolução da União Soviética em 25/12/91, Eco-92, processo de paz no Oriente Médio, lançamentos do Windows 95' e do carro mundial da Volkswagen, etc. verifica que há uma dinâmica veloz, muito diversificada, e que envolve bilhões de pessoas.

É uma pergunta de difícil resposta, pois um livro que poderia nos esclarecer este aspecto, o de Edward Soja - *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, trata, sobretudo, da questão do método crítico e suas insuficiências, e é como um diálogo interno entre marxistas, não sendo realizado, a partir de uma perspectiva histórica do pensamento geográfico, um esclarecimento quanto à forma de se constituir uma Geografia Pós-Moderna.

Talvez, seja possível responder esta pergunta ao afirmar que a Geografia, ao final da década de oitenta, parou no tempo; todas as disciplinas pararam no tempo. Diante deste admirável e insólito mundo novo, estão por ser constituídas novas ciências, novas formas de abordagem, nas quais a teoria da complexidade, a ênfase à visão holística, à transdisciplinaridade, etc. são sinais de uma disseminação de enfoques que vieram para se opor ao padrão cartesiano de geração de conhecimento.

GEOGRAFIAS MODERNA E PÓS-MODERNA

Resumo: Instituído e sucessivamente recriado no âmbito da modernidade, o discurso geográfico vê-se já de um tempo desafiado pelas críticas e referências do pós-moderno. Isto ocorre sobretudo diante do fato das mudanças recentes envolvendo a geografia humanista e a geografia crítica terem passado ao largo do avanço cultural da pós-modernidade.

Palavras-chave: Modernidade, Pós-modernidade, Teoria da Geografia.

MODERN AND POSTMODERN GEOGRAPHY

Summary: The geographical discourse, founded and successively recreated in the context of modernity, it's being challenged by critics and references of postmodernity. It occurs especially face to the recent changes on humanistic and critical geography that don't go along with the cultural advances on postmodernity.

Keywords: Modernity, Postmodernity, Geography Theory.

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, B. 1995. A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In CASTRO, I. et alli (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 271-307.
- BUNGE, W. 1973. A Geographic Methodology in *Theoretical Geography* . Sweden: C.W.K. Gleerup Publishers, pp. 2-37.
- CAPEL, H. 1981. “El curso de las ideas científicas ”, terceira parte de *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporanea*. Espanha: Barcanova, pp. 245-509.
- CASTRO, I. 1995. “O problema da escala” In CASTRO, Iná et alli (orgs.) - *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, pp. 117-140.
- DIAS, Leila Christina - “Redes: emergências e organização” in CASTRO, Iná et alli (orgs.) - *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 141-162.

- EVANGELISTA, H.1996. “Geografia Humana: uma ciência ?” in *Cadernos de Doutorado*. Rio de Janeiro, mimeo.
- GOMES, P. C. 1996. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil.
- HAESBAERT, R. 1995. “Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão” In CASTRO, I. et alli (orgs.) - *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, pp. 165-205.
- HARVEY, D. 1993. *A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural* , 3ª edição. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola.
- HOBSBAWM, E. J. 1990. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOLZER, W. 1992. *A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado em Geografia.
- JOHNSTON, R. J.1986. *Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945*, São Paulo : DIFEL.
- KENNEDY, P. 1989. “Estabilidade e mudança num mundo bipolar, 1943-1980” .In *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 5ª ed.
- LANDES, D. S. (1994): [1969] “Reconstrução e crescimento desde 1945”. In: *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época*, (edição inglesa de 1969), trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 501-554.
- MACHADO, L. O. 1995. “Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in CASTRO, I. et alli (orgs.) - *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, pp. 309-353.
- MORAES, A. C. 1989. “A sistematização da Geografia Moderna” In *A gênese da geografia moderna* . São Paulo : Ed. Hucitec, pp. 15-25.
- MOREIRA, R. 1982. *O Que é Geografia ?* São Paulo: Brasiliense.
- QUAINI, M. 1979. “Marx, Engels e a geografia” In *Marxismo e Geografia* , Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 50-64.
- RAFFESTIN, C. 1993. *Por uma geografia do Poder* . São Paulo: Ática
- SOJA, E. 1993. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*.). Rio de Janeiro: Zahar.